

Resenha

CARVALHO, Olavo de. *Aristóteles em nova perspectiva: Introdução à teoria dos Quatro Discursos.* Nova Edição Revista. São Paulo, É Realizações Editora, Livraria e Distribuidora Ltda, 2006

Kleber Eduardo Barbosa Dias¹

A respectiva obra é constituída de duas partes, sob a responsabilidade de um autor, que levanta uma nova perspectiva sobre a teoria dos discursos dentro das obras do filósofo grego Aristóteles. Na primeira parte, demonstra em sete capítulos a teoria dos quatro discursos, dando uma interpretação aristotélica da cultura e descrevendo a tipologia dos discursos na perspectiva do filósofo de Estagira. Na segunda parte da obra, o autor discorre sobre um problema que teve com a SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) que o impressionou, ou melhor dizendo, decepcionou-o profundamente, uma vez que para ele ficou clara a inépcia das classes letradas que analisam trabalhos científicos no Brasil. Aqui será focada apenas a primeira parte da obra, que contém, substancialmente, a análise feita de forma brilhante sobre a teoria dos discursos em Aristóteles.

A partir da análise do conjunto das obras de Aristóteles, há uma idéia que escapou à percepção de quase todos os seus leitores e comentaristas da Antigüidade até hoje. A essa idéia, o autor denomina Teoria dos Quatro Discursos. Esta possui como postulada a concepção de que “o discurso humano é uma potência única, que se atualiza de quatro maneiras diversas: a poética, a retórica, a dialética e a analítica (lógica)”.

O autor enfatiza que há uma relação dessas modalidades de discurso com quatro ciências contempladas pelo próprio Aristóteles, quais sejam, a Poética, a Retórica, a Dialética e a Lógica. Tanto os discursos como as quatro ciências se assentam na razão da unidade do objeto que enfocam. A divisão aristotélica das ciências e dos discursos tem como pressuposto a existência de princípios comuns que as subordinam.

Na história do Ocidente, consolidou-se a divisão do poético e do científico, como se estes habitassem a universos distintos, o que, analisado pormenorizadamente, constata-se uma má compreensão do mestre de Estagira. A obra de Aristóteles, como a Poética, a Retórica, o livro *Os Tópicos* (que trata da dialética) e os dois tratados de lógica (Analíticas I e II), ficou desaparecida até o século I, vindo a ser organizada e divididas por Andrônico de Rodes. Essa divisão tinha por mérito ser do próprio Aristóteles. Entretanto, como todo editor póstumo, Andrônico teve de colocar alguma ordem nos manuscritos, não havendo certeza se esta divisão corresponde à própria divisão que o Aristóteles teria feito.

Aristóteles teve sua imagem constituída a partir de um esquema “lógica formal + sensualismo cognitivo + teologia do Primeiro Motor Imóvel”. Esta perspectiva de se ler e interpretar a obra aristotélica consolidou-se como verdade histórica jamais contestada. O autor traz um novo horizonte hermenêutico para se ler e compreender a obra de Aristóteles. Na medida em que se acompanha o autor, percebe-se clareza na exposição desta nova perspectiva, como se a teoria dos discursos sempre esteve aí e nunca fora visto até então no Ocidente. Resta indubitável que a hermenêutica sobre uma obra clássica pode se consolidar, sem que se questionem os próprios vieses hermenêuticos do estudo que se está debruçado, tornando mais dificultoso quando se tem uma obra de dois milênios diante de si.

As quatro ciências do discurso são quatro maneiras pelas quais, por meio da palavra, Aristóteles vê como o homem pode influenciar a mente de outro homem ou a sua própria. Estes discursos seguem, para o estagirita, uma progressão de credibilidade. São graus do processo do conhecimento que se manifestam em níveis de consciência da realidade.

¹ Bacharel em Direito, especialista em Filosofia Moderna e Contemporânea e pós-graduando em direito previdenciário.



O primeiro discurso, o poético, versa sobre o possível, *dínatos*, dirigindo-se, sobretudo, à imaginação, que capta aquilo que ela mesma presume, através da imagem da representação, formar uma impressão no expectador.

O segundo discurso é o retórico que tem por objeto o verossímil (*pithános*), e que tem como finalidade a produção de uma crença firme (*pístis*) para gerar uma decisão. Neste discurso, o homem influencia a vontade de um outro homem por meio da persuasão (*peitho*), que parte da ação psicológica fundada em crenças comuns.

O terceiro, o discurso dialético, não se limita a sugerir ou impor uma crença, mas submete as crenças à prova, mediante ensaios e tentativas de traspassá-las por objeções. É o pensamento que ocorre por vias transversas, buscando a verdade entre os erros e o erro entre as verdades (diá = “através de”). Este termo indica duplicidade, divisão. É por isto que a dialética é também chamada de peirástica, que tem sua raiz semântica na palavra *peirá* que significa “prova”, “experiência”. O discurso dialético, através do confronto de crenças, pondo-as a prova, procura medir, por ensaios e erros, a probabilidade maior ou menor de cada uma das crenças, observando o critério, segundo as exigências superiores da racionalidade.

E, por último, o discurso lógico ou analítico, após a mensuração e a prova dialética, parte de premissas admitidas como indiscutivelmente certas, através do encadeamento silogístico para chegar à demonstração certa da veracidade das conclusões, o que em grego denomina-se *apodêixis*, que significa “prova indestrutível”.

O que se apreende da teoria dos discursos, é que Aristóteles estabelece visivelmente uma escala de credibilidade crescente, onde se parte do possível (poético) ao verossímil (retórico), deste em direção ao provável (dialético), finalmente encontrando o certo ou o verdadeiro (lógico-analítico). Percebe-se, claramente, que tanto as ciências quanto os discursos em Aristóteles não são discurso de naturezas diferentes, mas sim obedecem a graus de credibilidade do conhecimento da realidade.

Essa compreensão da teoria dos discursos relaciona-se à própria epistemologia de Aristóteles. Para o filósofo, o conhecimento começa pelos dados percebidos pelos sentidos, de onde surgirá a imaginação que agrupa estes dados em imagens, de onde a inteligência organizará e reorganizará a si mesma, criando os esquemas eidéticos, ou conceitos abstratos das espécies, com os quais poderá enfim, construir os juízos e raciocínios.

Olavo de Carvalho vê, então, possibilidade, verossimilhança, probabilidade razoável e certeza apodíctica como conceitos-chave sobre os quais se erguem as quatro ciências respectivas de Aristóteles, o que se contrapõe a idéia moderna que estabelecerá a si mesma a delimitação dos campos de linguagem em “poética em si” ou “lógica em si”.

Das novas perspectivas apresentadas pelo autor, conclui-se que, para Aristóteles, não existe um salto ao conhecimento lógico-analítico, que é o último grau do conhecimento, em que se conquistou a verdade do ser sem passar pelos discursos anteriores, não podendo haver um salto para aquele. Dentro dessa perspectiva, percebe-se, em Aristóteles, uma idéia de educação da própria consciência e do percurso intelectual que não pode o sujeito deixar de trilhar. O indivíduo humano não chegará ao conhecimento racional lógico-analítico ou se tornará um cientista sem passar pelas possibilidades da fantasia poética, sem organizar suas idéias na verossimilhança do discurso retórica e sem confrontar suas crenças sem encontrar a mais provável na ciência dialética.